Os EUA associam as guerras na Eurásia e na Ásia Ocidental

Por: M. K. Bhadrakumar
Globalizacion, 06 de agosto 2026
Indian Punchline 29 julio, 2026

Región: Medio Oriente
Tema: Guerra EEUU-OTAN

Artículo en portugués :

Na sexta-feira, mesmo no momento em que o presidente dos EUA, Donald Trump, anunciava o fim da mais recente ronda do conflito com o Irão, o Pentágono ampliou discretamente o teatro de operações ao Mar Cáspio, numa manobra geopolítica de enorme repercussão. O incidente quase não teve destaque na cobertura noticiosa ocidental.

Mas a CGTN, talvez percebendo que os EUA poderiam estar a alargar sub-repticiamente a sua guerra à região do Cáspio, noticiou a 25 de julho: «Mísseis norte-americanos atingiram um quartel-general da Marinha da Guarda Revolucionária na área de Ziba Kenar, na província de Gilan, no Mar Cáspio, de acordo com um responsável de segurança em Gilan citado pela comunicação social iraniana. As autoridades provinciais afirmaram que projéteis norte-americanos também haviam atingido a cidade portuária de Bandar Anzali, segundo a Iranian Labor News Agency».

A província de Gilan, que possui uma costa no Mar Cáspio, faz fronteira com o Azerbaijão a oeste, país com o qual o Irão tem mantido relações conturbadas nos últimos anos, na sequência da gravitação geopolítica da região transcaucasiana para a órbita ocidental. Como era de esperar, as relações da Rússia com o Azerbaijão e a Arménia também sofreram uma grave erosão na sequência da ascensão da influência dos EUA (e da NATO) na Transcaucásia.

Trump é o novo xerife em Baku e em Yerevan, com o presidente turco Recep Erdogan a desempenhar o papel de subxerife. Para aumentar a complexidade, o Azerbaijão é um aliado próximo da Turquia, e as relações da Turquia com Moscovo foram um tanto abaladas nos últimos anos, na sequência da tomada secreta do poder na Síria por afiliados da Al-Qaeda apoiados por Ancara.

Por outro lado, historicamente, a Turquia também nunca foi um amigo confiável para o Irão. Durante a guerra com o Irão no ano passado, a Turquia abriu o seu espaço aéreo às aeronaves norte-americanas para atacarem o Irão a partir do Azerbaijão, que por acaso é também uma das principais bases operacionais de Israel contra o Irão.

Aproveitando-se do conflito na Ucrânia, os serviços secretos ocidentais e a NATO fizeram grandes incursões nas regiões do Cáucaso e do Cáspio, na fronteira com as repúblicas muçulmanas da Rússia, e estão a desafiar a segurança do Irão, numa altura em que este já enfrenta uma ameaça existencial por parte da aliança EUA-israelense.

Os media ocidentais minimizaram o ataque aéreo dos EUA a Bandar Anzali na semana passada, que é o maior porto do Irão na costa do Mar Cáspio e constitui um centro de

transportes vital ligado à rede ferroviária nacional do Irão. O Mar Cáspio constitui uma rota de abastecimento estrategicamente vital entre a Rússia e o Irão. Bandar Anzali é para Teerão o que o porto de Odessa é para Kiev, onde esta recebe fornecimentos de armas ocidentais. De facto, o Irão e a Rússia mantêm uma relação militar estreita.

Portanto, o ataque da Ucrânia a um navio comercial iraniano no Mar Cáspio, em águas territoriais russas, no sábado — o primeiro ataque deste tipo desde o início da guerra entre a Rússia e a Ucrânia —, está longe de ser um incidente isolado. Kiev reivindicou a responsabilidade pelo ataque a um navio iraniano, sinalizando que uma das zonas de segurança mais estáveis da Eurásia está agora vulnerável ao impacto direto do conflito na Ucrânia.

O Kremlin tomou nota e o porta-voz Dmitry Peskov observou na sua conferência de imprensa diária, na terça-feira, que «a geografia das atividades terroristas do regime de Kiev está a expandir-se». Citando o incidente, acrescentou de forma enigmática que tudo isto «voltou a destacar a necessidade de uma operação militar especial bem-sucedida e completa».

O ataque ao navio iraniano foi levado a cabo a uma distância de aproximadamente 1 200 quilómetros. Moscovo tem alegado repetidamente que uma pontaria tão precisa a distâncias muito longas está muito além da capacidade militar da Ucrânia e só é possível com a participação direta do Ocidente. O ministro dos Negócios Estrangeiros, Sergey Lavrov, voltou a abordar o assunto a 24 de julho: «Uma parte significativa do apoio prestado a Vladimir Zelensky (pelo Ocidente) provém dos Estados Unidos. Isto não se deve apenas ao facto de os americanos venderem armas à UE, que depois as transfere para a Ucrânia, mas também porque os Estados Unidos fornecem informações e reconhecimento, o Starlink continua operacional e as tecnologias avançadas que exigem conhecimentos especializados no campo de batalha não chegam lá por acaso. É assim que as coisas são».

Curiosamente, a reportagem do *New York Times* sobre o ataque ucraniano foi publicada com o título *Ataque da Ucrânia a um navio iraniano pode aproximar duas guerras.* A manchete do *Wall Street Journal* é a seguinte: *Duas guerras convergem no Mar Cáspio à medida que a Ucrânia atinge a linha de abastecimento iraniana para a Rússia.* A *Al Jazeera*deu uma reviravolta adicional, afirmando que *Zelenskyy, da Ucrânia, prepara-se para se encontrar com Trump à medida que as guerras do Irão e da Ucrânia convergem.* Uma reportagem da BBC reconheceu que «O incidente marcou a primeira ligação direta entre as guerras no Irão e na Ucrânia». Acrescentou, no entanto: *«Mas alguns especialistas questionam a sensatez da decisão de Kiev de entrar em conflito com o Irão».*

O impacto do conflito no Irão pareceu, inicialmente, negativo para a Ucrânia. Ameaçava desviar a atenção de Trump, já vacilante. No entanto, não só não houve qualquer abrandamento no apoio dos EUA à Ucrânia, como, em certos aspetos, o envolvimento dos EUA apenas se intensificou, com a escalada das operações secretas em território russo. É certo que estas vantagens táticas podem acabar por não se concretizar, uma vez que Moscovo também está a intensificar os ataques em toda a linha da frente na Ucrânia, com vista a pôr fim à guerra em breve.

A provável reafectação do general Sergey Surovikin, que em determinado momento foi comandante dos esforços de guerra de Moscovo na Ucrânia, sinalizaria uma ofensiva maciça no futuro. O general altamente condecorado já havia servido na Chechénia e na Síria durante conflitos que apresentavam características de guerras por procuração semelhantes

às da Ucrânia.

O ataque ucraniano ao navio iraniano pode muito bem ser uma manobra calculada por Washington. A Ucrânia agiu em simultâneo com o bombardeamento norte-americano da província de Gilan, sugerindo um certo grau de coordenação. O embaixador iraniano na Rússia revelou que o navio se encontrava a apenas 5 milhas [8 km] da foz do rio Volga quando o ataque ocorreu.

Se a concórdia regional liderada por Moscovo sobre a segurança coletiva do Mar Cáspio for enfraquecida, as rivalidades militares e de segurança extra-regionais poderão comprometer a região, afetando os interesses fundamentais da Rússia e do Irão. Teerão encara o incidente no Mar Cáspio não como um evento tático isolado, mas como evidência de uma mudança mais ampla no ambiente de segurança que a rodeia.

Em agosto passado, foi assinado na Casa Branca um acordo tripartido entre os EUA, o Azerbaijão e a Arménia que criará um importante corredor de trânsito na Transcaucásia, a ser denominado «Rota Trump para a Paz e Prosperidade Internacionais». Em termos simples, os EUA e a NATO estão a contestar seriamente a preeminência da Rússia nas regiões do Mar Cáspio e da Ásia Central.

Evidentemente, o Mar Cáspio já não é a zona isenta de conflitos que outrora se acreditava ser. No fim de semana passado, surgiu uma nova arena de competição geopolítica, que está a remodelar profundamente o panorama de segurança da Eurásia e que poderá marcar o surgimento de um novo teatro geográfico de conflito.

M. K. Bhadrakumar

Ver também:

- US-Saudi nuclear pantomime is with eye on Iran

O artigo em inglês : US conjoins the wars in Eurasia, West Asia, Indian Punchline, 29 de Julho de 2026.

O original encontra-se em www.indianpunchline.com/us-conjoins-the-wars-in-eurasia-west-asia/.

Tradução por resistir.info

La fuente original de este artículo es Indian Punchline
Derechos de autor © M. K. Bhadrakumar, Indian Punchline, 2026

Comentario sobre artículos de Globalización en nuestra página de Facebook
Conviértase en miembro de Globalización

Artículos de: **M. K. Bhadrakumar**

Disclaimer: The contents of this article are of sole responsibility of the author(s). The Centre for Research on Globalization will

not be responsible for any inaccurate or incorrect statement in this article. The Center of Research on Globalization grants permission to cross-post original Global Research articles on community internet sites as long as the text & title are not modified. The source and the author's copyright must be displayed. For publication of Global Research articles in print or other forms including commercial internet sites, contact: publications@globalresearch.ca

www.globalresearch.ca contains copyrighted material the use of which has not always been specifically authorized by the copyright owner. We are making such material available to our readers under the provisions of "fair use" in an effort to advance a better understanding of political, economic and social issues. The material on this site is distributed without profit to those who have expressed a prior interest in receiving it for research and educational purposes. If you wish to use copyrighted material for purposes other than "fair use" you must request permission from the copyright owner.

For media inquiries: publications@globalresearch.ca